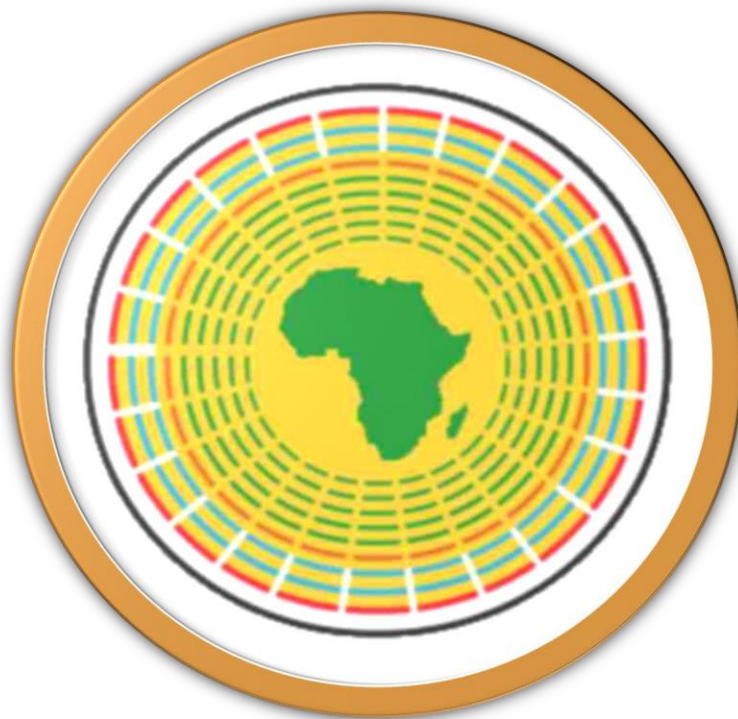


---

# REUNIÃO DO GRUPO DE GOVERNADORES AFRICANOS DE 2026

---

**TRANSFORMAR AS ECONOMIAS DE ÁFRICA  
ATRAVÉS DO INVESTIMENTO, DA INOVAÇÃO E DA  
INCLUSÃO**



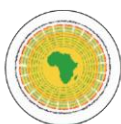
**Banjul, Gâmbia**

6 a 11 de julho de 2026

## PREÂMBULO

A Reunião do Grupo de Governadores Africanos de 2026, que irá decorrer na Gâmbia, sob o tema *“Transformar as economias africanas através do investimento, da inovação e da inclusão”*, ocorre num momento crucial para o continente africano. A profunda incerteza económica global, o endurecimento das condições financeiras e as mudanças estruturais significativas exercem pressões crescentes sobre a margem orçamental, o crescimento e a resiliência das economias africanas. Ao mesmo tempo, o dinamismo demográfico de África, o aprofundamento da integração regional, a riqueza em recursos naturais e a rápida evolução tecnológica oferecem vastas oportunidades para impulsionar a transformação económica.

Neste contexto, os governadores africanos irão participar em debates voltados para o futuro sobre estratégias destinadas a libertar o potencial do continente, abordando as lacunas de financiamento persistentes, mantendo a boa governação, reforçando as capacidades internas e acelerando a transformação estrutural em todos os setores prioritários. As deliberações serão organizadas em torno de dois subtemas, nomeadamente *«Desbloquear o financiamento para impulsionar a transformação estrutural de África»*, e *“Aproveitar os recursos naturais de África para criar empregos de qualidade e promover o crescimento inclusivo”*. O objetivo é analisar de que forma se pode reforçar a colaboração com as Instituições de Bretton Woods (IBW) para apoiar estas prioridades de uma forma mais coerente, ágil e bem estruturada.



## SUBTEMA 1: DESBLOQUEAR O FINANCIAMENTO PARA IMPULSIONAR A TRANSFORMAÇÃO ESTRUTURAL DE ÁFRICA COM VISTA A UM CRESCIMENTO INCLUSIVO

### Contexto

1. A capacidade de África para acelerar a transformação estrutural depende da mobilização eficaz de fontes de financiamento previsíveis, sustentáveis e diversificadas. Apesar dos importantes progressos alcançados, muitas economias continuam a enfrentar mercados financeiros internos pouco desenvolvidos e desequilibrados, uma margem orçamental limitada e condições de financiamento vulneráveis a choques globais, o que limita a capacidade dos governos para financiar prioridades de desenvolvimento a longo prazo, reforçar a resiliência e criar um ambiente propício ao investimento produtivo. Ao mesmo tempo, a inovação digital, o dinamismo demográfico e o aprofundamento da integração regional oferecem novas vias para alargar o acesso ao financiamento e canalizar recursos para os setores com maior potencial de crescimento inclusivo. Este subtema proporciona aos governadores uma plataforma para analisar a forma como os países estão a alargar as opções de financiamento, a reforçar as instituições e os mercados nacionais e a apoiar o crescimento das empresas, ao mesmo tempo que refletem sobre a forma como a cooperação com os parceiros internacionais, em particular as instituições de Bretton Woods, pode continuar a evoluir de modo a responder às prioridades de África e a reforçar as bases para um desenvolvimento resiliente, inclusivo e a longo prazo.

### Tema 1: Recuperar a margem orçamental através do reforço dos sistemas de cobrança de receitas

2. A maioria dos países africanos enfrenta restrições orçamentais cada vez mais apertadas, impulsionadas pelo aumento da vulnerabilidade da dívida, pela diminuição da ajuda ao desenvolvimento internacional, pelas crescentes pressões sobre as despesas, pelos choques externos recorrentes e pela fraca mobilização de receitas internas. Os rácios médios receitas fiscais/PIB estão entre os mais baixos a nível mundial; os sistemas de receitas continuam limitados por bases tributárias estreitas, isenções generalizadas, elevados níveis de informalidade, capacidade institucional limitada e ineficiências administrativas, o que intensifica a dependência de empréstimos externos onerosos e agrava os encargos elevados com o serviço da dívida. O aumento dos custos e dos riscos do financiamento em condições não concessionais limita ainda mais a capacidade de avançar com as prioridades de desenvolvimento nacional.
3. Embora a racionalização das despesas continue a ser importante, a recuperação da margem orçamental depende, em última análise, do reforço dos sistemas de receitas internas, de modo a garantir uma base tributária sólida, a estabilidade macroeconómica, a resiliência a longo prazo e o crescimento inclusivo. Em todo o continente, os países estão a implementar reformas para alargar as bases tributárias, racionalizar as deduções fiscais, melhorar o desempenho do IVA, modernizar a tributação sobre o rendimento, reforçar os

serviços aduaneiros e expandir a digitalização, com vista a aumentar a transparência e a eficiência. Estes esforços, incluindo o desenvolvimento de estratégias de receitas a médio prazo, sublinham o papel central da mobilização de receitas internas na redução da dependência de empréstimos externos onerosos, lançando as bases para um financiamento sustentável e para uma transformação estrutural a longo prazo, e destacam os desafios institucionais, técnicos e económicos que determinam os resultados das reformas em todos os países. Os debates poderão centrar-se no reforço da mobilização de receitas internas como pilar central para restaurar a margem orçamental, reduzir as vulnerabilidades da dívida e financiar as prioridades de desenvolvimento a longo prazo de África.

## Tema 2: NOTA DE REFLEXÃO 2 – APROFUNDAMENTO DOS MERCADOS DE CAPITAIS INTERNOS PARA DESBLOQUEAR O POTENCIAL DE INVESTIMENTO DO CONTINENTE AFRICANO

4. Os défices de financiamento em África continuam a limitar o desenvolvimento das infraestruturas, a industrialização e o crescimento económico sustentado. Um mercado de capitais nacional que funcione bem pode colmatar esta lacuna através da mobilização de financiamento a longo prazo, do fomento de parcerias público-privadas, do reforço da inclusão financeira e do apoio à criação de riqueza. Embora se tenham registado progressos nas reformas legislativas e regulamentares, na criação de bolsas de valores e na introdução de novos produtos, os mercados de capitais africanos continuam fragmentados, pouco profundos e, em alguns casos, subutilizados, caracterizando-se por custos de transação elevados, pelo predomínio de títulos do Tesouro e de instrumentos de curto prazo. Com uma capitalização de mercado inferior a 20% do PIB continental, o reforço dos mercados de capitais nacionais é essencial para mobilizar recursos em moeda local, reduzir a vulnerabilidade ao risco cambial e canalizar financiamento a longo prazo para os setores produtivos, de modo a permitir que os governos, as empresas e as famílias participem plenamente na agenda de desenvolvimento de África.
5. Existe, no entanto, uma margem considerável para aprofundar e alargar os mercados de capitais em todo o continente. Os debates poderão incidir sobre instrumentos emergentes, tais como obrigações verdes da diáspora e de infraestruturas, fundos soberanos e fundos de pensões, bem como os avanços nas tecnologias financeiras, na tecnologia *blockchain* e nas soluções baseadas em inteligência artificial, que estão a abrir novas vias para a mobilização de investimento e a expansão do acesso aos mercados. Poderiam ser exploradas iniciativas destinadas a reforçar a liquidez e a escala através de uma maior integração financeira regional no âmbito da Zona de Comércio Livre Continental Africana (AfCFTA), incluindo uma maior harmonização da regulamentação e o aumento da atividade transfronteiriça. Estas oportunidades em constante evolução constituem uma base para refletir sobre a forma como os países africanos estão a abordar o desenvolvimento dos mercados de capitais, as soluções mais abrangentes para enfrentar os desafios e apoiar uma mobilização mais eficaz do financiamento a longo prazo.


## Tema 3: Melhorar o acesso das MPME ao financiamento

6. As micro, pequenas e médias empresas (MPME) representam quase quatro quintos do total de postos de trabalho nos países em desenvolvimento e são fundamentais para o crescimento e o emprego em África. As MPME absorvem uma grande parte da força de trabalho — em particular mulheres e jovens — e contribuem significativamente para o PIB, o crescimento inclusivo e a redução da pobreza. Apesar do seu papel central, o acesso ao financiamento continua a ser limitado, devido a lacunas financeiras significativas e graves que restringem o acesso a serviços financeiros acessíveis e adequados, deixando grande parte do potencial do setor por explorar. A International Finance Corporation (IFC) estima que o défice de financiamento para as MPME formais em África tenha ultrapassado os 330 mil milhões de dólares em 2017, tendo as empresas informais e as empresas detidas por mulheres sido afetadas de forma desproporcional. Isto, num contexto de sistemas de informação de crédito subdesenvolvido, restrições em termos de garantias, instabilidade macroeconómica e mercados financeiros pouco profundos que limitam a expansão das empresas, a modernização tecnológica, a criação de emprego e a integração nas cadeias de valor regionais e globais.
7. Os países africanos estão a envidar esforços significativos para construir um setor das MPME mais robusto, produtivo e formal. Isto requer uma abordagem coordenada, multifacetada e orientada para as partes interessadas, que resolva os estrangulamentos do lado da oferta, reforce as capacidades do lado da procura e melhore o ecossistema facilitador. O tema convida os participantes a refletir sobre as condições essenciais para valorizar a contribuição das MPME para o crescimento inclusivo e a transformação estrutural. Os debates poderiam explorar diferentes vias através das quais as iniciativas nacionais e regionais, bem como as parcerias com as instituições financeiras internacionais, possam evoluir para melhor apoiar o desenvolvimento das infraestruturas financeiras, a adoção de tecnologias, o reforço das capacidades empresariais e o aprofundamento das ligações de mercado.

## **SUBTEMA 2: APROVEITAR OS RECURSOS NATURAIS DA ÁFRICA PARA CRIAR EMPREGOS DE QUALIDADE E PROMOVER UM CRESCIMENTO INCLUSIVO**

### **Contexto**

8. Os recursos naturais de que a África dispõe continuam a ser um trunfo fundamental para promover a transformação estrutural, a criação de emprego de qualidade e o crescimento inclusivo; no entanto, o seu impacto no desenvolvimento tem sido limitado pela dependência contínua das exportações de matérias-primas, pelas lacunas persistentes em termos de competências, pela fragilidade das cadeias de valor nacionais e regionais e pela integração limitada do setor das matérias-primas na economia em geral. Consequentemente, a riqueza em recursos naturais não se traduziu de forma consistente em ganhos de produtividade, diversificação económica ou oportunidades de emprego sustentáveis. Para tirar partido destes recursos de forma eficaz, é necessária uma mudança decisiva no sentido da criação de valor acrescentado e de uma industrialização regional competitiva. Isto deve ser apoiado por uma integração regional mais profunda, investimentos em grande escala nos setores da energia, dos transportes, da logística e das infraestruturas digitais, bem como pelo desenvolvimento específico do capital humano, a fim de colmatar as lacunas de competências e permitir uma participação inclusiva nos setores de maior valor



das cadeias de valor baseadas nos recursos. Neste contexto, este subtema constitui uma base para que os governadores analisem de que forma a África pode investir no desenvolvimento das cadeias de valor, nas infraestruturas facilitadoras e no desenvolvimento de competências, de uma forma coerente e sinérgica, a fim de transformar a riqueza em recursos naturais de África num motor de crescimento inclusivo e gerador de emprego.

## Tema 1: Ampliar a valorização e as cadeias de valor regionais competitivas através da industrialização

9. O modelo de crescimento de África continua a depender fortemente da exportação de matérias-primas não transformadas, o que limita a valorização interna, a criação de emprego e a resiliência económica, apesar dos recursos naturais substanciais de que dispõe. Muitas economias continuam a situar-se na parte inferior das cadeias de valor regionais e globais devido a lacunas persistentes em termos de infraestruturas, mercados fragmentados, acesso limitado ao financiamento a longo prazo e escassez de competências, vulnerabilidades que foram agravadas pelos recentes choques globais. Isto revela a elevada dependência do continente em relação às importações e agrava as pressões sobre a balança de pagamentos e a volatilidade do crescimento. Em 2023, África registou importações de mercadorias no valor aproximado de 699 mil milhões de dólares, contra exportações de 614 mil milhões de dólares, sendo estas últimas dominadas por matérias-primas; o comércio intra-africano permanece baixo, representando 16–17% do total das exportações, enquanto África representa apenas cerca de 2,7% do comércio global de valor acrescentado, refletindo uma participação limitada em setores de produção de maior valor. Acelerar a valorização e a industrialização através de uma transição da extração para a transformação e a produção industrial é, por conseguinte, fundamental para reforçar a captação de valor a nível interno, expandir as exportações, criar empregos de maior qualidade e reduzir a vulnerabilidade a choques externos. Além disso, é imperativo abordar as limitações estruturais relacionadas com a energia, os transportes, a logística, as competências, a tecnologia e as infraestruturas digitais, as barreiras pautais e não pautais, o acesso ao financiamento — em particular para as MPME — e a implementação incompleta da Zona de Comércio Livre Continental Africana (AfCFTA).
10. Os principais temas de debate no âmbito deste tópico poderão incluir a promoção da valorização e da industrialização, mantendo simultaneamente a estabilidade macroeconómica, através do alinhamento dos investimentos do Grupo do Banco Mundial (GBM) e dos programas do FMI, com vista a apoiar a diversificação das exportações, reduzir a dependência das importações e reforçar os saldos externos por meio de reformas específicas. Os governadores podem também ponderar a ampliação das infraestruturas — incluindo energia fiável, corredores de transporte, plataformas logísticas e tecnologia —, com vista a reduzir custos, interligar a produção além-fronteiras e ampliar o apoio à indústria transformadora de valor acrescentado em setores geradores de emprego e alinhados com as vantagens comparativas. Além disso, o debate poderia ser alargado para analisar de que forma os corredores regionais, as interligações elétricas e o mapeamento geoespacial de recursos minerais poderiam ser desenvolvidos para atrair investimento privado.

## Tema 2: Transformar a riqueza natural através do desenvolvimento das infraestruturas energéticas, de transportes e digitais


11. África é um dos continentes mais ricos em recursos do mundo, com abundantes recursos minerais, de petróleo e gás natural, agrícolas, florestais, hídricos, terras férteis e energias renováveis. De acordo com uma análise recente da Agence Française de Développement (AFD), o setor mineiro contribui com cerca de 10% do PIB total de África e representa, em média, 25% do total das exportações do continente, com variações significativas entre os diferentes países. Além disso, um estudo de Camillo Atampugre sugere que o setor do petróleo e do gás representa cerca de 20% do PIB de África, com variações significativas a nível nacional. Apesar do papel da África como importante fornecedora mundial de recursos naturais, a grande maioria dos seus países continua a ter capacidades locais limitadas de transformação e refinação industrial, um desafio agravado por graves limitações em termos de infraestruturas energéticas, de transportes e digitais.
12. Esta secção irá abordar o papel das infraestruturas enquanto sistema integrado — que combina energia, transportes, logística, plataformas industriais e redes digitais — na promoção do funcionamento eficiente e em grande escala das cadeias de valor. Os debates incidirão sobre a forma como os investimentos em infraestruturas podem ser deliberadamente sequenciados e alinhados com as cadeias de valor prioritárias, garantindo que as atividades de extração a montante, de transformação a meio do processo, de fabrico a jusante, de distribuição e de reciclagem sejam apoiadas de forma coordenada e que se reforcem mutuamente. Será dada ênfase à localização da cadeia de valor em todas as fases, indo além de projetos isolados e avançando para ecossistemas industriais integrados. O debate irá também analisar de que forma os corredores industriais, as zonas económicas especiais e as redes de transporte multimodal podem ser utilizados para mobilizar investimento privado em grande escala, reduzir os custos de produção e logística e atrair financiamento a longo prazo, consolidando assim o desenvolvimento industrial competitivo, a criação de emprego e o crescimento resiliente nas economias africanas.

## Tema 3: Desenvolver o capital humano e as competências para uma força de trabalho inclusiva e preparada para o futuro.

13. Até 2050, a população em idade ativa de África atingirá 1,6 mil milhões de pessoas; no entanto, o Índice de Capital Humano da região situa-se em 0,40, o que reflete uma baixa produtividade e uma qualidade limitada da mão de obra, o que compromete a capacidade do continente para tirar partido do seu dividendo demográfico e criar empregos de alta qualidade. Apesar do aumento do acesso à educação, continuam a existir desajustamentos persistentes entre as competências disponíveis e as exigências do mercado de trabalho, com lacunas significativas nas competências básicas, técnicas e sociais. Embora a rápida evolução tecnológica, a digitalização e a transição ecológica estejam a remodelar a procura global de mão de obra, os programas curriculares continuam desfasados das necessidades do mercado, com apenas 9% dos jovens matriculados em cursos técnicos ou profissionais.

14.





À medida que a rápida evolução tecnológica, a digitalização e a transição ecológica remodelam a procura global de mão de obra, o potencial de crescimento de África depende cada vez mais do reforço de competências relevantes e preparadas para o futuro, permitindo a transição de um exportador de matérias-primas para um líder em valor acrescentado e produtos transformados, em consonância com os objetivos da Agenda 2063 de desenvolver uma força de trabalho qualificada e inovadora.

15. Os debates poderão centrar-se na modernização dos sistemas de educação e qualificação, com vista a alinhar melhor o desenvolvimento do capital humano com as necessidades atuais e futuras do mercado de trabalho, em particular nos setores baseados em recursos naturais e nos setores emergentes. Isto inclui a reforma curricular, o reforço da formação de professores e a integração de competências digitais, técnicas e sociais, a par de reformas no ensino e formação profissional e nas instituições de ensino superior, com vista a garantir uma formação orientada para a procura e baseada em competências, nomeadamente através de Centros de Excelência e de programas em articulação com o setor. Os debates poderiam também abordar um maior envolvimento do setor privado, com vista a reforçar as parcerias, mobilizar o investimento privado e promover o intercâmbio de conhecimentos Sul-Sul.
-